



Ciência em Prosa e Verso: A Busca por outra Comunicação¹

Rafael Fonseca Drumond

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

Resumo

Este artigo propõe uma análise sobre o estatuto da ciência e da produção acadêmica do conhecimento com foco nas particularidades do campo comunicacional. A partir do apontamento da falibilidade dos modelos teóricos ancorados na noção filosófica de “verdade”, sustenta-se que a natureza gerativa dos sentidos, sejam eles científicos ou cotidianos, encontra-se atrelada à experiência sensível dos sujeitos do conhecimento. Nesse domínio, destacam-se as reflexões provenientes dos estudos de *estética da recepção*: aqueles que consideram as condições sócio-históricas para compreender os diversos contextos que fundamentam os atos de significação subjetiva sobre os fenômenos do mundo e da vida. Por fim, reporta-se a uma experiência de pesquisa conduzida pelo autor a partir da qual são discutidos alguns aspectos problematizados no decorrer deste artigo.

Palavras-chave

Campo Comunicacional; Ciência; Estética da Recepção; Verdade; Poética do Conhecimento.

“Do rio que tudo arrasta, diz-se que é violento.
Mas ninguém chama violentas às margens que o comprimem.”
Bertold Brecht

Em vista de uma ciência² afinada às transformações da contemporaneidade, será traçado neste artigo a possibilidade de uma praxiologia científico-comunicacional mais atenta às dinâmicas do tempo presente. Nesse intento, emerge-se um reposicionamento técnico-perceptivo sobre as dinâmicas produtivas do saber, no qual evoca-se uma perspectiva problematizadora acerca da interação entre os sujeitos do conhecimento e a tecitura de saberes sobre o mundo. A proposta dessa discussão é apostar numa atualização das tradições empírico-teóricas do campo da Comunicação Social a partir do investimento epistêmico na dimensão sensível dos acontecimentos. Para tanto, credita-se uma competência transformadora ao exercício de metarreflexão acadêmica, bem como às práticas de renovação estética da linguagem, em prol da constituição de

¹ Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 28 a 30 de junho de 2012.

² Este artigo trabalha o conceito de ciência do ponto de vista das ciências sociais e humanas. Por um exercício de simplificação, a leitura do termo deve ser empreendida nesse sentido *strictu*, salvaguardados casos nos quais, por um contexto explícito de enunciação, apreenda-se uma referência ao uso estendido do conceito.



enunciações científicas que, a um só tempo, apreendam contextos de análise e prescrevam horizontes de ação social.

Ciência sobre as Ciências

Quando o conhecimento qualifica-se como ciência, infere-se que sua lógica de produção atende a certos preceitos responsáveis pelo caráter distintivo desse saber³. Depreende-se também que a gênese de seus enunciados foi prescrita metodologicamente, a partir de uma sistematização capaz de assegurar a potência de partilha dos seus modelos explicativos. Significa ainda que seus postulados integraram-se ao repertório ou patrimônio cognitivo de um campo disciplinar, tornando-se disponíveis para sondagem de futuros fenômenos postos em relevo pela cartografia acadêmica.

Assim, por intermédio de receituários conhecidos como método científico, as instituições legitimadas⁴ operam práticas que alimentam os saberes das ciências. Nesses contextos enunciativos, instaura-se uma dinâmica de circulação discursiva na qual a construção do capital científico ancora-se no mútuo reconhecimento e na apropriação teórica pelos pares, assim como no conseqüente adensamento epistêmico resultante de atividades retórico-dialéticas firmadas entre os atores sociais engajados na produção desse saber.

Entretanto, toda essa aparelhagem, seja ela institucional ou filosófica, vem sendo revista em prol da construção de um novo estatuto científico (LYOTARD, 2002; SOUSA SANTOS, 2002). De alguma forma, os desordenamentos da contemporaneidade dissolveram as fronteiras compreensivas que operavam a racionalidade moderna, tornando cada vez mais explícitos os pressupostos que, desde o século XIX, já vinham sendo levantados pelo paradigma filosófico da linguagem⁵: entre

³ Destaca-se a tríade aristotélica do conhecimento, discriminada pelo filósofo grego em “Ética à Nicômaco”: a *episteme*, ou conhecimento científico; a *téchnê*, conhecimento técnico, relativo à competência para fazer; e, por fim, a *phronesis*, sabedoria prática ligada ao dia a dia.

⁴ A saber, as universidades, faculdades e escolas especializadas que, através da consolidação de culturas de investigação (na figura de pesquisadores/docentes), compõem uma comunidade científica.

⁵ Coloca-se aqui a substituição de um paradigma da consciência, amparado numa visão essencialista das coisas, por um paradigma da linguagem, segundo o qual a constituição do mundo humano encontra-se fundada nas faculdades expressivas e comunicativas atreladas ao universo linguístico. Para consolidação acadêmica e científica desse quadro, apontam-se as contribuições oriundas da filosofia da linguagem, da sociologia fenomenológica, do relativismo cultural, dos estudos semiológicos, das explorações psicanalíticas e das teorias sobre a experimentação estética.



eles, a impossibilidade mimética do representacionismo (questionamento platônico retomado pela filosofia kantiana⁶) e a potência lógica, não ontológica, do conhecimento. Nesse contexto, a associação entre ciência e imanência da verdade, herança naturalista-positivista, fragilizou-se no circuito acadêmico, sobretudo em função da virada epistemológica delineada por Nietzsche⁷.

Destituído assim do *status* sacralizado de verdade transparente do mundo, o relato científico torna-se então equiparável a outras séries discursivas. Parte-se agora da hipótese que a qualificação metódica dos diversos enunciados científicos não é um atributo de equivalência entre os seus postulados e as experiências que compõem o tecido vivo das sociedades humanas. Por esse viés, ressalva-se que as reflexões epistemológicas complexificaram-se a partir da variável filosófica que, ao sublinhar a inevitabilidade da terceiridade dos discursos, redimensionou a interrelação entre sujeitos, objetos e conhecimento. Num sentido, a centralidade da subjetividade na elaboração de juízos sobre o mundo trouxe a superação do idealismo ingênuo da teoria correspondencial da verdade⁸, assim como, por desdobramento, implicou na colocação de outros desafios à construção de um saber que se pretenda reflexivo.

Seguindo essa trilha reflexiva, o reconhecimento da dimensão subjetiva do conhecimento sugere uma discussão acerca do caráter retórico (e, não raro, pouco dialético) da prática científica, e, por consequência, da sua componente autoral. Essa abordagem será retomada na discussão que ganhará cena nos próximos tópicos deste

⁶ No final do século XVIII, envolto no contexto questionador do Iluminismo, Kant lança os fundamentos da filosofia moderna ao abordar o problema da verdade e questionar os limites do conhecimento humano (Revolução Copernicana). Para o pensador alemão, a razão só compreende o que ela mesma produz, ou seja, a interpretação do real encontra-se atrelada aos juízos ou categorias produzidos *a priori* pelo entendimento. Por sua vez, esses juízos são oriundos das condições de experiência, o que impossibilita uma ontologia das coisas determinada por um critério universal de verdade. (CARRILHO, 1990)

⁷ Nietzsche (2006) problematiza a episteme a partir daquilo que nomeia de vontade de verdade; nessa medida, aponta que um discurso nunca é verdadeiro, mas sim, dotado de uma veracidade capaz de torná-lo digno de valor. Por essa perspectiva, a verdade perderia sua significação platônica e transcendental, sendo transferida das profundezas das coisas para superfície imanente da vida e das imagens. Diz o filósofo: “*O mundo ‘aparente’ é o único. O ‘mundo verdadeiro’ é somente um acréscimo mentiroso*” (NIETZSCHE *apud* FELDMAN, 2008, p.62).

⁸ A teoria correspondencial da verdade remonta-se à Grécia Antiga, sobretudo, à metafísica de Aristóteles. O advento da modernidade também representou um momento de especial fertilidade para tal perspectiva, aqui entendido como o processo iniciado com o fim da Idade Média (transição entre os séc. XVI e XVII). Nesse momento, encontrava-se em curso a chamada Revolução Científica, acontecimento renascentista que retomou projetos da Era Clássica em busca do livre pensamento humano. Nicolau Copérnico (1473 – 1543), Galileu Galilei (1564 – 1642) e Isaac Newton (1642 – 1727) foram grandes nomes desse período. Motivados pelas conquistas do cientificismo, parte da epistemologia sobre as humanidades volta-se, nesses primórdios da ciência moderna, para uma crença na natureza essencialista das coisas do mundo. Nesse sentido, destaca-se, em especial, o racionalismo cartesiano (René Descartes, 1596 – 1650), assim como o pensamento de Gottfried Leibniz (1646 – 1716), Bento de Espinoza (1632 – 1677) e Christian von Wolff (1679 – 1754).



artigo, quando serão problematizadas as condições de produção dos estudos comunicacionais orientados pela lógica da estética da recepção.

De qualquer forma, nos dias atuais, afirmar o absolutismo da verdade científica soa tão inapropriado quanto, por exemplo, a assertiva que apregoa imparcialidade ao exercício do jornalismo. Por outro lado, o pensamento contrário – a fabulação do discurso científico ou o impressionismo na produção noticiosa – ainda conserva um caráter herético quando se toma como referência as práticas profissionais desses ofícios.

A partir dessa incoerência, a fim de evidenciar resquícios vigorosos da moral onipotente da ciência, aponta-se uma frequente dissonância entre as reflexões propostas no plano da teoria e as políticas de implantação e execução de pesquisas acadêmicas. Em nome de uma viabilidade empírica, instrumental e institucional dos seus processos, os trabalhos de investigação e produção do conhecimento acabam prestando coro à máxima segundo a qual, na prática, a teoria é outra. Dessa forma, assinala-se que, sob a superfície dos falares oficiais, a constituição dos campos científicos continua atrelada às expectativas por teorizações objetiváveis, aos pressupostos do testável e à retórica do verdadeiro; um paradigma desbotado, porém firme, cuja chancela científica implica no descarte prévio de outros lugares de saber, o que reduz a possibilidade da ciência de alcançar a potência interdisciplinar do entendimento complexo (MORIN, 1990).

Por outra perspectiva, agora mais ampla – a estrutura universitária – coloca-se que a industrialização da ciência cria condições para a atuação dos princípios do mercado nas lógicas de geração do conhecimento, definindo uma didática refém dos interesses técnico-profissionais, ou então, limitada a uma expectativa de resposta social. Percebe-se aí um enquadramento institucional dos sentidos que, na estrutura acadêmica, acabam sendo franqueados entre especialidades segregadas, dotadas de distintas competências. O resultado dessas repartições são modos de produção científica que conjugam o feudalismo disciplinar à ação imperativa das leis do mercado. No caso, um mercado do tipo discursivo.

Nessas condições, destaca-se que a influência velada do naturalismo científico, assim como a interferência explícita da tecnocracia contemporânea sobre a produção epistêmica, irrompe-se através do anseio cientificista que arrefece a efervescência teórico-empírica dos fenômenos do campo comunicacional. Como evidência sintomática dessa questão, a partir do quadro geral das Teorias da Comunicação, aponta-se como o protagonismo assumido pelas análises midiocêntricas denota a ação



residual da racionalidade moderna que, ainda hoje, limita o objeto da comunicação à eleição das empirias já recortadas⁹.

Entretanto, uma distinção se faz necessária dentro desse apontamento: sublinhar a fraqueza da metafísica e a impossibilidade de uma ciência universal dos objetos comunicacionais não implica na desconsideração da reflexão técnica, filosófica e ética sobre os rumos que o campo tem tomado; assim como o convite ao olhar transdisciplinar não acarreta a impossibilidade da construção de um projeto identitário para o saber cultivado nesse domínio. A inquietação das reflexões sobre objetos comunicacionais não implica, necessariamente, na domesticação da realidade em níveis do entendimento facilmente manejáveis. Ao contrário, conquanto a busca pelo objeto próprio não se contamine pela miopia disfuncionalizante do cientificismo, a pergunta pelo lugar epistemológico desenvolve uma necessária competência para os (re)ajustes das lentes da ciência e dos olhares de seus progenitores.

Vale apenas sublinhar que, apesar da revisão do estatuto da ciência, a episteme acadêmica ainda move-se por um território de saberes especializados, onde seus enunciados nascem envoltos pela nobreza dos entendimentos complexos. Assim, se, numa medida, nem mesmo a ciência foi poupada da liquefação pós-moderna, por outro, a monarquia semântica de outrora continua rendendo ao conhecimento científico o prestígio da compreensão referenciadora e digna de credulidade. O que se objetiva com essa reflexão não é desqualificar a potência do discurso da ciência em si; ao contrário, enseja-se a possibilidade de abertura de novos caminhos para a emergência de outra topografia do conhecimento, diferenciada e atual, na qual o diálogo entre pesquisadores possa, aos moldes da teoria da ação comunicativa de Habermas¹⁰, alavancar uma fértil visada sobre a polifonia dos fenômenos da contemporaneidade.

Saberes Líquidos

⁹ Sobre essa discussão, ver França (2001). Para a autora, os objetos de conhecimento, a empiria, não devem se equivaler às coisas do mundo, mas sim, são formas de conhecê-las, perspectivas de leituras, construções do próprio conhecimento.

¹⁰ O modelo da ação comunicativa de Habermas relativizava o criticismo da primeira geração da escola de Frankfurt, apostando numa visão teórica menos apocalíptica quanto aos efeitos da indústria cultural. Para tanto, Habermas prioriza a análise das interações interpessoais, terreno cotidiano das ações comunicativas nas quais a atividade interlocutória busca gerar entendimentos a partir de dois fatores relativos às disposições dos atores envolvidos: a pretensão à validade dos falantes e os critérios de relevância dos ouvintes. (HABERMAS, 1987).



Parte-se do princípio de que o questionamento da cientificidade não imanente do campo comunicacional deve vir acompanhado por uma reflexão sobre o contexto das motivações que, historicamente, prestam-lhe forma e atualidade. Para Foucault (2002), a constituição do conhecimento dá-se por meio de uma rede arqueológica filiada a um *a priori* histórico, definido pelo teórico francês como

(...) aquilo que, numa dada época, recorta na experiência um campo de saber possível, define o modo de ser dos objetos que aí aparecem, arma o olhar cotidiano de poderes teóricos e define as condições em que se pode sustentar sobre as coisas um discurso reconhecido como verdadeiro. (FOUCAULT, 2002, p. 218).

Considerando essa proposição, depreende-se que a historicidade dos conhecimentos produzidos sobre o mundo é um valor fundante da epistemologia foucaultiana. Nessas condições, a articulação entre a episteme e a sua ambiência espaço-temporal aponta para a compreensão da constituição do mundo pela linguagem, isto é, da atuação psicossocial nas dinâmicas geradoras dos sentidos, sejam esses científicos ou cotidianos.

Nessa medida, esboça-se uma síntese de particularidades socioculturais que caracterizam o mundo contemporâneo. Desse exercício, sugere-se que a novidade dos desenhos socioculturais impressos pela globalização instilam a revisão dos princípios construtores da episteme de nossos tempos; o que, em conjunto, poderia indicar uma percepção da sensibilidade que Rorty (2009) denominou de acesso não linguístico ao realmente real.

De alguma forma, a midiatização crescente da vida social redefiniu as dinâmicas e os sentidos da contemporaneidade. Os fenômenos da cotidianidade amalgamam-se na urdidura de um complexo (e desequilibrado) ecossistema comunicativo, no qual as interações sociais e as práticas de comunicação projetam-se e são projetadas em torno de imagens polissêmicas, fundadas a partir de múltiplas linguagens e processos reticulares. Nesse contexto, estabelece-se uma leitura social difusa, tensionada pelas descontinuidades de uma inteligibilidade *flaneur* que vagueia por distintas referências em busca do real implícito na multissensorialidade das experiências contemporâneas.

Tomada por esse estado de espírito, a Comunicação enquanto campo do saber volta seus olhares para esse presente inapreensível, época marcada por relações intrincadas entre ordens que se espraiam e se permeiam; onde a aceleração do tempo e o



redimensionamento dos espaços físico-virtuais desenham um novo modelo de organização dos mecanismos tecnoperceptivos da experiência.

Vivemos num tempo atônito que ao debruçar-se sobre si próprio descobre que os seus pés são um cruzamento de sombras, sombras que vêm do passado que ora pensamos já não sermos, ora pensamos não termos ainda deixado de ser, sombras que vem do futuro que ora pensamos já sermos, ora pensamos nunca virmos a ser. (SOUSA SANTOS, 2002, p.13).

Admitindo-se então a radicalidade das transformações recentes, deduz-se que as mudanças no modelo de estruturação do mundo implicam num conseqüente rearranjo das políticas de subjetivação, delineando novas miradas às dinâmicas de uma vida que tampouco é a mesma. Ora, considerando que o homem é habitado pela linguagem, assim como as particularidades do atual *a priori* histórico, pressupõe-se que essa cultura redimensionada gere uma forma distinta de, nela, localizarmo-nos.

No campo da episteme, como contrapartida acadêmica à tecitura imbricada dos fenômenos sociais e humanos, o entendimento sobre o mundo reivindica a abdicação do hermetismo taxonômico que engaveta análises nos containêres dos saberes disciplinados. Dessa forma, assume-se que a complexidade da vida não pode ser orquestrada pelos métodos prescritivos de uma ciência regulatória, tal como previu Lyotard (2002) ao anunciar a falência das metanarrativas – os relatos-tratados sobre o homem e o mundo – apontando assim que a legitimação do saber só pode ocorrer em regime local.

Nas trilhas da sugestão de Brecht, a violência até então atribuída ao rio que tudo arrasta volta-se agora para as margens discursivas que engaiolam a polivalência dos sentidos possíveis, na busca, ainda que hesitante, por uma forma de compreensão e atuação sobre o mundo tão atual e vigorante quanto ele próprio.

Poética do Conhecimento

Referenciado agora por um idealismo projetivo – horizontes de partida dentro da cartografia do conhecimento – coloca-se a potencialidade expressiva do discurso estetizado aplicado à linguagem acadêmica, isto é, como os recursos literários podem ser apropriados pela prosa científica para compor narrativas sobre a contemporaneidade.



Estabelecer uma aproximação entre ciência e estética evoca o reconhecimento de, no mínimo, duas assertivas sobre o estatuto científico: primeiro, a que todo saber possui uma dimensão fabular estetizada e que a linguagem, em si, traz recursos expressivos, rítmicos e estabilizadores característicos de um dado *topois* (estética do gênero); segundo que, esses recursos, condizentes a uma determinada formação discursiva, encontram-se disponíveis aos sujeitos tal qual a língua que, entendida como sistema social, está a serviço do falante que lhe presta atualidade (estética autoral).

Desenvolvendo essa segunda premissa, coloca-se que a estética atualizada pelo sujeito compõe, ao lado de outros elementos, a possibilidade de individuação da produção acadêmica, o sintagma potencialmente revelador da subjetividade autoral, a sensibilidade implícita nas palavras do pesquisador que, conscientemente, assume sua mente e seu *Self* como epicentro de suas reflexões.

Souza Santos (2002) afirma que é cada vez maior a aproximação entre a ciência e a crítica literária, tendo em vista a subversão que esta última opera na relação sujeito e objeto, e que, na contemporaneidade, vem sendo caracterizada por um embate de traduções firmado intersubjetivamente. Esse apontamento reconhece os exercícios da opacidade científica, ou seja, à terceirização hermenêutica que se atrela à experiência do analista-narrador.

Há, porém, de se apontar um entrave ao arranjo estético do discurso e da linguagem científica, a saber, a mácula ensejada pela questão técnico-burocrática da industrialização do conhecimento especializado. Conforme já posto, a ciência contemporânea vive uma situação de hibridismo paradigmático: a superação teórica de uma visão positivista e evolucionista do conhecimento é arrefecida pela dificuldade prática de substanciar um diálogo a partir de discursos particulares, como por exemplo, os ensaios. Nesse contexto, o formalismo linguístico e o rigor estruturalista constroem a produção científica sobre as humanidades, num exercício reflexivo de tal forma pré-conduzido, que, da perspectiva do enquadramento – forças articuladoras do sentido – caminhamos para uma conceituação opressora de dispositivo. Curioso é notar que tais práticas, geralmente colocadas a serviço de uma relação de transparência entre o analista e o mundo, buscam obliterar as marcas do olhar próprio, isto é, mascarar a autorreferenciação da reflexividade, quando não, vender produtos impressionísticos por um valor metafísico que não possuem.

Duas problemáticas sobressaltam-se a partir dessa angulação: primeiro, a persistência da noção representativa e dicotômica que ainda atende ao modelo



correspondencial da verdade, desconsiderando assim o ato criacional do fazer científico (SOUSA SANTOS, 2002). Segundo: a tentativa de anulação do sujeito não implica na revelação dos objetos, mas sim, na substituição da indicialidade humana pela indicialidade técnica. Seja pelos traços da racionalidade instrumental do nosso passado presente, seja pela ação imperativa da tecnocracia contemporânea, a modalização metodológica – a impressão do método na coisa, o efeito da lente no objeto – parece academicamente mais agradável que o reconhecimento das mediações autorais intervenientes nos processos de interpretação dos fenômenos em curso.

Enquanto a validade do método prescrito não abre espaço a outras formas de *poiesis* do conhecimento – o que parece, em nossos tempos, ser um impeditivo definitivo para que a esfera do sensível encontre espaço na textualidade acadêmica – a relação entre método e objeto, isto é, a apreensão das coisas em vistas de uma didática dos procedimentos, segue direcionamentos utilitaristas e cegos a sua automediação¹¹. Assim, do sujeito eclipsado à tirania populista dos métodos eficientes, dá-se conta da ambiguidade técnica que, a um só tempo, constitui-se uma instrumentalização necessária e uma superestruturação parcializadora. Ressalva-se que a questão levantada não advoga em favor de uma anarquia metodológica, mas sim, em prol das motivações sobre a razão valorativa que qualifica a forma sobre os sentidos.

Quando o paradigma emergente sobre as ciências proposto por Sousa Santos (2002) aponta para a articulação entre saber, sujeito e contexto, bem como ao conhecimento justo e prudente, abre-se espaço aos saberes produzidos no campo da experiência social e subjetiva. Surge assim a expectativa por uma ciência articulada a partir da interlocução de inteligibilidades sensíveis e múltiplos percursos gerativos de sentido (OLIVEIRA, 2009). Ciência, diga-se, destituída do temor pela perda da seriedade e do comprometimento que lhe prestam identidade: afinal, segundo Oliveira (2009), as operações perceptivas e sensíveis, relacionadas à dimensão afetiva, não excluem o aspecto racional da inteligibilidade. Na verdade elas encontram-se interligadas, “(...) *orientando as operações e processamentos do sentido em significação*” (OLIVEIRA, 2009, p.11).

¹¹ A linguagem é, por si só, um mecanismo mediador; como tal, os recursos linguísticos imprimem constrangimentos irremissíveis aos discursos, sejam eles acadêmicos ou artísticos. Dessa forma, diante da ciência mediadora das técnicas, o tensionamento destas e dos seus dispositivos torna-se fundamental para o estabelecimento de um pensamento crítico.



A única presença concebível da significação no mundo é a sua manifestação na ‘substância’ que engloba o homem: o mundo dito sensível torna-se assim, na sua totalidade, o objeto da procura de significação, apresenta-se no seu conjunto e nas suas articulações como uma virtualidade de sentido. A significação pode esconder-se sob todas as aparências sensíveis, está por detrás dos sons, mas também por detrás das imagens, cheiros, sabores, sem que esteja nos sons e nas imagens (como percepções). (GREIMAS *apud* OLIVEIRA, 2009, p.8)

Ao abordar a ideia de que o mundo encontra-se impregnado de sentidos virtuais, Greimas aposta numa potencialidade de significação que se fundamenta pela interação entre as aparências sensíveis das coisas e o homem englobado pela substância da vida. Esse entendimento conduz, de forma inevitável, à fratura que o *relativismo cultural* introduziu ao estudo socioantropológico dos mais diversos sistemas culturais, assim como à reflexão ensejada pelo relativismo cognitivo quanto à provisoriedade epistemológicas de certos padrões e objetivos investigativos.

Estética da Recepção

Hans Robert Jauss (2011), ao analisar a estética da recepção de textos literários, aponta que os processos de significação devem ser empreendidos levando-se em conta o encadeamento entre as expectativas do âmbito enunciativo e a experiência *in locus* dos leitores.

Para análise da experiência do leitor ou da “sociedade dos leitores” de um tempo histórico determinado, necessita-se diferenciar, colocar e estabelecer a comunicação entre os dois lados da relação texto e leitor. Ou seja, entre o *efeito*, como o momento condicionado pelo texto, e a *recepção*, como o momento condicionado pelo destinatário, para concretização do sentido como duplo horizonte – o interno ao literário, implicado pela obra, e o mundivivencial, trazido pelo leitor de uma determinada sociedade. (JAUSS, 2011, p.73).

Defende o autor que o estabelecimento do horizonte de expectativa interna ao texto, por derivar do próprio texto, é menos problemático que a prescrição dos horizontes da experiência social, já que esses não podem ser linearizados a partir de uma origem. Esse entendimento, bastante consensual no campo da Comunicação, justifica a recorrência das pesquisas desenvolvidas no domínio da produção midiática,



tanto em análises direcionadas aos meios de comunicação, quanto naquelas voltadas à semiologia explícita ou pressuposta dos textos de mídia. Além disso, é a partir dessa abrangência dos fenômenos sociais que se funda, em parte, a diligência acadêmica quanto à inapropriação dos fluxos comunicacionais que se desdobram em tempo real, acarretando a atrofia de culturas de pesquisa voltadas para o âmbito da recepção¹².

Dessa forma, o que se coloca em discussão é como a epistemologia comunicacional poderia se abrir à natureza viva dos discursos, isto é, aquela capaz de, não somente comunicar enunciados formais, mas também de permitir ascense ao plano da experiência e possibilitar uma gênese de conhecimentos a partir de um aparato sensibilizador. Nessa medida, propõe-se uma reavaliação sobre os sentidos imputados e amputados pela série discursiva científica, tendo como referência o enquadramento delineado pela hegemonia das práticas atuais de produção e compilação do saber.

Certamente, uma concepção flexível, e potencialmente estetizada, acerca da linguagem acadêmica nasce com ares de polêmica, sobretudo em função do embuste científico que prima pelo formalismo lógico, e que, pautado por uma perspectiva platônica, denunciaria a geração de discursos enganosos e sedutores que ratificariam as cavernosidades da experiência sensível. De certa forma, a separação entre o pensamento crítico e a poética discursiva deu-se já na Grécia, quando a filosofia foi apartada da poesia, uma vez que esta última era um elemento constituinte de uma tradição sociocultural cujo questionamento havia gerado o pensamento filosófico.

Entretanto, pergunta-se sobre o lugar da originalidade linguística na captação/proposição de entendimentos que, caso pretendam filiação ao mundo, devem ser tão dinâmicos como o próprio. Afinal, existe algo de caduco na tautologia teórica que se alimenta de estruturas clássicas do pensamento, mas que, por fraqueza pulsional, não produzem faíscas, nem imprimem velocidade, quando atritadas contra ou a favor do tempo corrente.

Para Gumbrecht (1998), a racionalização da ciência ensejou uma busca pelos significados fortes, quando não totais, num mundo prenhe de sentidos possíveis, centralizando a reflexão acadêmica numa política hermenêutica pouco afinada às

¹² Visando a superação dessas limitações, desde os anos 80 e com particular força na América Latina, são empreendidos estudos que trabalham sobre a lógica teórica da estética da recepção. No contexto latinoamericano, a articulação do pensamento comunicacional a partir das lógicas próprias da cultura desempenhou um papel decisivo na renovação epistemológica dos fenômenos analisados pelo campo, especialmente no que tange à resistência contra os ditames primeiromundistas. A partir desse contexto de valorização do entendimento legítimo (não estrangeirizado) da cultura, as pesquisas que pensam a recepção de maneira interativa passam a destacar-se pelo enfoque reflexivo conferido à dimensão estética da experiência dentro de um sistema de ação ordenado historicamente.



variações de significantes que perpassam a polifonia dos fenômenos. Segundo o autor, a *materialidade da superfície* e a *dimensão da presença*, isto é, os aspectos sensoriais e corpóreos da experiência, permitiriam outras visões de mundo a partir da indagação sobre as “*condições de possibilidade de emergência das estruturas de sentido*” (GUMBRECHT, 1998, p.147).

Afinado a esse entendimento, Richard Rorty (2008), o filósofo que sonhava com a reconciliação entre a potência da racionalidade e a sublimação do romantismo, confere a dimensão pulsante do pensamento à condição poética. Diz ele que a razão só pode seguir os caminhos já abertos pela imaginação, e que esta é a força renovadora do campo da linguagem, sem a qual não há progresso moral ou intelectual. Por essa concepção, a capacidade humana de metaforizar torna-se essencial aos juízos e compreensões que produzimos sobre a realidade social. Tendo em vista a já citada ação dos modelos de apreensão do mundo na natureza própria dos processos socioculturais, a perspectiva de Rorty sinalizaria a importância de teorizações férteis e polissêmicas, compostas pela mesma riqueza do material significativo da vida humana.

A Vida em Capítulos

Introduzo agora um breve exercício depoimental no qual relato uma experiência de pesquisa acadêmica bastante fértil do ponto de vista reflexivo e metodológico. No ano de 2010, desenvolvi o projeto “A Vida em Capítulos”¹³, trabalho etnográfico sobre a recepção doméstica de uma telenovela. Nessa oportunidade, explorei o conceito de mediação como singularizador dos processos psicossociais de significação, tendo como partida empírica o acompanhamento sistemático de duas famílias de diferentes classes sociais.

Como pesquisador, inseri-me de forma anacrônica em ambiências doméstico-familiares de pessoas desconhecidas, visando assim presenciar distintas experiências de interação midiática. Nessa empreitada, tomei consciência que, enquanto partícipe atento desses fenômenos, exercia um duplo papel mediador: tanto na decodificação e codificação da experiência de campo (composição do relato etnográfico), quanto no

¹³ Iniciação Científica financiada pela PROBIC/PUC-Minas (Programa de Bolsas de Iniciação Científica da PUC-Minas), orientada pelo Professor Doutor José Márcio de Barros.



próprio curso dessa experiência, já que, minha presença extracotidiana, por si só, havia se tornado um evento na rotina dessas famílias.

Nesse segundo sentido, reporto aqui o trânsito de sensibilidades que me acompanhava de uma unidade de recepção (uma família de classe popular, residente num conglomerado de favelas da zona sul de Belo Horizonte) à outra (uma família de classe média intelectualizada, moradora de um bairro tradicional da capital mineira).

Família 1: Dona Maria, seus filhos e neto.

No caso de Dona Maria, o envolvimento emocional desenvolvido com os integrantes de sua família apresentou desafios consideráveis. Primeiro porque partiu deles a construção de uma relação de forte afetividade e, até mesmo, de gratidão, ainda que meu trabalho não apresentasse características de assistencialismo social. Itinho (*neto*) desenvolveu por mim uma relação explícita de carinho, principalmente porque, especulo, seja homem e jovem, um tipo de referência que o garoto não encontra em nenhum parente próximo. Já Dona Maria, não se cansava de repetir coisas como “*Ocê prefere a gente que a outra família, né?*”, “*O Rafael já é da família, já!*”, “*Ocê vai continuá vindo aqui depois que a novela acabá, não vai?*”.

Família 2: Sílvia, seu marido e filho.

No caso da família Alvarenga, nossa relação se deu de forma atenuada, bastante condizente com o trabalho que desenvolvia com a família e com a frequência que nos víamos. Existia um conforto evidente nessas pessoas em me receber, uma vez que havia entre nós um amplo universo de possíveis compartilhamentos. Esse encontro, de certa forma, rendeu-me preocupações iniciais sobre o processo etnográfico na família de Sílvia: enquanto na casa de Dona Maria tudo me despertava a atenção – e a dificuldade em relatar se dava pela seleção do excesso – no apartamento da professora existia uma normalidade tão aparente das coisas que, reiteradamente pensei, “*sobre o quê vou escrever?*”. Com Sílvia e Victor (*filho*), havia familiaridade, mas pouca intimidade; na família da faxineira, acontecia justamente o inverso, o que enriquecia os relatos de material etnografável.

Essa assimetria sensitiva entre as famílias pesquisadas era inerente à condição sociocultural que me situava enquanto pesquisador e sujeito. Com o tempo, o acompanhamento sistemático das unidades domésticas em questão acabou amortizando os efeitos estésicos gerados pelo deslocamento sociocultural, tal como aconteceu à disforia do lugar já comum. De qualquer maneira, a diferença de laços de afetividade e sociabilidade revelou, dentro de minha etnografia, a potência (e a necessidade ética) do discurso em primeira pessoa do singular, a validade de se reconhecer o *self* mediador da linguagem, dos fenômenos e do próprio conhecimento gerado. Mais do que isso, penso que um suposto não-envolvimento (ou a tentativa de mascará-lo retoricamente) carregaria uma inevitável mentira: numa pesquisa como a que me propus – aquela que



coloca um estranho na sala de televisão de pessoas desconhecidas – o distanciamento é, tal qual o apego, uma tomada de atitude que interfere diretamente nas práticas observáveis.

Reconhecida então a mediação do sujeito do conhecimento sobre a produção discursiva de uma experiência midiaticizada em pleno curso, aponta-se agora uma segunda componente que, no escopo dos estudos de estética da recepção, reforça a necessidade de ampliação do campo semântico das ciências sobre as humanidades. Neste caso, sublinha-se a função da poética que remonta, via texto, a potência da experiência sensível, permitindo assim a condução do sujeito-leitor por percursos gerativos de sentidos diferenciados.

Entretanto, do ponto de vista prático, esse exercício não é nada simples: em “A Vida em Capítulos”, foi justamente da força de um *sensorium* captado, sentido, mas insatisfeito com suas traduções verbais, que surgiu uma primeira dificuldade de reprodução textual: se, por um lado, pareceu-me fácil ser fiel aos olhos, à iconografia explícita das materialidades visíveis, por outro, tal sucesso não se estendeu à apropriação discursiva das sensibilidades que me foram despertadas.

A parede é, sem dúvidas de ser, uma parede branca, um pouco suja, amarelada, de aproximadamente três metros de altura por cinco de largura, com infiltrações na parte superior. De tão verdadeiro, esse enunciado descritivo até soa como um saber científico à moda cartesiana. Mas, quando essa parede perde suas formas concretas para ganhar o olhar autista de uma criança triste, de doze anos, sua superfície plana se torna um buraco, assim como sua cor branca amarelada reveste-se de negro. E agora, foi-se a ciência?

Por exemplos como esse que, na condição de etnógrafo, busquei conciliar o ofício de fotógrafo ao de pintor. Meu objetivo era traçar retratos ora definidos por um rigor descritivo que garantisse precisão aos contornos, ora esboçar desenhos de pinceladas tão polissêmicas quanto impressionistas. Meu relato buscou sua escritura numa poética discursiva comum à escrita etnográfica, visando assim explorar diferentes matizes estéticos da linguagem, para assim, revelar uma sensibilidade fundamental aos estudos comunicacionais.

Para finalizar, registro o desejo provocador do escritor tcheco Milan Kundera, que ao pensar os tempos correntes, afirma optar pela escolha pela herança de Cervantes sobre a de Descartes, para assim, produzir um conhecimento gestado na humildade relativa das narrativas, e não mais na onipotência teórica das verdades.



REFERÊNCIAS

CARRILHO, Manuel Maria. Verdade, Suspeita e Argumentação. Lisboa: Editora Presença, 1990.

FELDMAN, Ilana. O Apelo Realista. [Trabalho apresentado ao GT de Estética da Comunicação do XVII Encontro da Compós, em São Paulo, UNIP, 2008].

FOCAULT, Michel. As palavras e as coisas. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FRANÇA, Vera V. Paradigmas da Comunicação: conhecer o quê? [Trabalho apresentado ao GT de Epistemologia da Comunicação, do X Encontro da Compós, em Brasília, UNB, 2001].

HABERMAS, Jürgen. *Teoría de la acción comunicativa I: Racionalidad de la acción y racionalización social*. Madrid: Taurus, 1987.

HANS, Ulrich Gumbrecht. O campo não-hermenêutico ou a materialidade da comunicação. In: *Corpo e forma: ensaios para uma crítica não-hermenêutica*. Rio de Janeiro: UERJ, 1998.

LYOTARD, Jean-François. A condição pós-moderna. São Paulo: José Olympio, 2002.

JAUSS, Hans Robert. A Estética da Recepção: Colocações gerais. In: LIMA, Luiz Costa (org.). *A Literatura e o Leitor*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

MORIN, Edgar. Introdução ao Pensamento Complexo. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

OLIVEIRA, Ana Cláudia. Comunicação e Produção Semiótica do Sentido. [Trabalho apresentado ao GT de Epistemologia da Comunicação do XVIII Encontro da Compós, em Belo Horizonte, PUC-Minas, 2009].

RORTY, Richard. O fogo da vida. 2008. Disponível em:
<http://antoniocicero.blogspot.com.br/2009/05/richard-rorty-o-fogo-da-vida.html>
Acessado em 23/04/2012.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências. Porto: Afrontamento, 2002.